

CIÊNCIA *VERSUS* DISCIPLINA: A GEOGRAFIA EM SUAS DUAS FACES SCIENCE *VERSUS* DISCIPLINES: THE GEOGRAPHY IN HER TWO FACES

STOCO, J. C.; MENDES, B. C.
Faculdades Integradas de Ourinhos/FIO/FEMM/Geografia

RESUMO

A geografia, ciência e disciplina, está passando por grandes modificações desde a segunda metade do século XX o que acabou por despertar a atenção de muitas pessoas até então leigas no assunto. A proposta desse estudo é entender as diferenças existentes nessas duas faces da geografia e, como uma passou a ser usada para mascarar a outra no decorrer da história geográfica. Pretende-se também compreender o porquê da resistência por parte dos alunos a essa disciplina que está presente nos currículos escolares desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Analisando a trajetória da geografia no decorrer dos séculos é possível perceber onde estão as raízes do que se é transmitido aos alunos em sala de aula e porque se ouve, ainda hoje, falar tão pouco da ciência que além do espaço estuda as pessoas que nele habitam. O que dizer de uma ciência que é capaz de oferecer um poder inimaginável? Como tal poder foi “esquecido” de ser mencionado nas salas de aula? Entender o que acontece com a Geografia pode ser o início de uma mudança que precisa ser realizada há muito tempo.

Palavras-Chave: Poder; Mistificação; Geografia.

ABSTRACT

The geography, science and discipline, it is passing over great modifications from the second half of the century XX that woke up again the attention of many persons up to that time lay in the subject. The proposal of this study is to understand the existent differences in these two faces of the geography and, one started to be used to mask other one in the course of the geographical history. It intends to understand also why of the resistance for part of the pupils to this discipline that is present in the school curricula from the Basic Teaching up to the Secondary education. Analysing the trajectory of the geography in the course of the centuries it is possible to realize where the roots are of what it is brought to the pupils in classroom and because one hears, still today, speaking so somewhat of the science that besides the space studies the persons who in him live. What to say of a science that it is able to offer an unimaginable power? How such a power was "forgotten" of being mentioned in the classrooms? To understand what it happens with the Geography can be the beginning of a change that needs to be carried out there is much time.

Keywords: Power; Mystification; Geography.

INTRODUÇÃO

A geografia, ciência tão instigante e presente no dia-a-dia das pessoas, foi, por muito tempo, mascarada como uma disciplina “enfadonha” e “maçante”. Contudo, pode-se afirmar que o quadro está mudando. O advento da Nova Geografia/Geografia Crítica na década de 1970 trouxe a possibilidade de novos olhares e novas descobertas acerca do espaço e da sociedade, como também, reintroduziu a Geopolítica e a Geoeconomia no debate atual.

Porém, esta “revolução” que abalou as estruturas da ciência geográfica, parece ter afetado muito pouco a disciplina escolar geografia que, de forma generalizada, pode ser considerada retrógrada, conservada e pacata, especialmente em sua práxis.

Conhecer as duas faces desta moeda, seu verso (ciência) e seu reverso (disciplina escolar) é tarefa que nos parece fundamental. Saber por que são tão distintos e, ao mesmo tempo, perceber que são complementares pode nos ajudar a pensar em formas de ajustar esta situação.

A Geografia enquanto ciência é realmente tão poderosa como se ouve falar? E a Geografia como disciplina, para que realmente serve? O que tem de interessante em decorar nomes de rios, Estados, países, etc.?

Muitos são os autores que no decorrer dos séculos trataram de relatar em suas obras a ciência geográfica e tantos outros falaram sobre o ensino de geografia, mas foram poucos os que relacionaram esses dois ramos.

Yves Lacoste retrata essas duas faces que a geografia assume em sua obra *A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. (1976 – França; 1988 – Brasil). Trata-se de um olhar objetivo e sem preconceitos dos problemas e obstáculos que essa ciência/disciplina enfrentou no passado e ainda enfrenta atualmente.

Depois de anos de atraso providencial e de sofrer com a carência epistemológica a que foi submetida, a geografia vem ganhando novas forças nas últimas décadas. Mesmo tendo ficado para trás na definição de sua problemática hoje os geógrafos estão despertando:

Enquanto em outras disciplinas é, desde há muito, julgado indispensável definir uma problemática, os geógrafos continuaram a fazer como se eles só tivessem que ler, sem problemas, “o grande livro aberto da natureza”. (Lacoste, 2005, p.95)

Atualmente a preocupação com a geografia é bem mais acentuada e muitas obras surgem para incentivar o geógrafo a lutar pelo seu espaço e entender cada vez mais sua importância na sociedade. Ruy Moraes discute o que vem a ser realmente a geografia em seu livro *O que é Geografia?* (1982), Milton Santos traz a obra *Por Uma Geografia Nova* (1978), seguido por Antônio Carlos Robert de Moraes em *Geografia: Pequena História Crítica* (1980) e *Ideologias Geográficas* (1993).

No ensino passa-se a ter uma nova visão do papel da geografia e, muitas temáticas são levantadas a respeito dos caminhos que essa disciplina seguiu nos últimos séculos e como ela precisa ser modificada daqui pra frente. Em *Para Onde Vai o Ensino de Geografia* (1988), Ariovaldo Umbelino de Oliveira juntamente com outros autores vai tratar dessa questão. Obras com técnicas de aprendizagem

passam a ser publicadas com o intuito de ensinar aos professores novas abordagens em sala de aula para que possam tornar sua didática mais dinâmica, encontra-se essas variações metodológicas no livro *Ensino de Geografia – práticas e textualizações no cotidiano* de Antônio Carlos Castrogiovanni (2000).

Depois de muito tempo a geografia vem sendo descoberta por inteira e a necessidade de se compreender sua dinâmica enquanto disciplina e ciência está cada vez mais palpável nas Instituições de Ensino Superior o que nos permite vislumbrar como será o nome geógrafo/professor do futuro.

Conhecer a geografia como um todo é poder entender como ela é usada para manipular e oprimir as pessoas e como ela pode ser usada para libertar sociedades. E é só através do conhecimento que os professores poderão modificar sua didática e fazer com que os alunos deixem de lado a idéia de disciplina da “decoreba”, do tédio.

DESENVOLVIMENTO

Durante toda a história humana o saber sempre esteve nas mãos de poucos, sabendo-se disso onde se localizaria o saber geográfico dentro de uma sociedade? Será que em algum momento da história ele chegou a fazer parte da vida das pessoas ou sempre esteve camuflado por determinadas classes sociais?

A geografia é tão antiga quanto à própria humanidade, ela existe muito antes de receber tal nome e esteve presente em todos os momentos da evolução do homem. Segundo a maioria dos pesquisadores, esta surgiu no século XVIII com Alexandre Von Humboldt, no entanto, se tomada essa datação como ponto de partida onde ficariam as grandes descobertas anteriores e as descrições feitas pelos geógrafos árabes durante a Idade Média? E as descobertas feitas pelo homem primitivo? Ambas simplesmente deixariam de existir e de ter importância ou se tornariam campo de estudo da história, da antropologia e da sociologia? Para Moraes a geografia sistematizada é um conhecimento moderno, sendo assim, não se deve desconsiderar o que foi produzido antes dela existir.

Na verdade, existe um grande abismo entre os geógrafos quando o assunto é onde tudo começou e/ou a problemática dessa ciência, as carências epistemológicas e metodológicas são enormes o que leva a opiniões divergentes sobre tais assuntos.

Independente do ponto de partida pode-se perceber que a geografia tem uma longa, porém encoberta história que inconcebivelmente os geógrafos deixam de lado

para passar a estudar o contemporâneo, agindo assim não percebem como a geografia atual está profundamente atrasada, devido, justamente aos muitos séculos de história e de ocultação que essa ciência sofreu. Seja ela encarada como primitiva, de Von Humboldt ou escolar e universitária nunca deixou de estar presente no dia-a-dia de uma sociedade, seja em sua forma mais coloquial ou em sua forma mais complexa e estratégica.

O que dizer de uma ciência que é capaz de oferecer às pessoas a compreensão do espaço em que vivem? Saber pensar o espaço é saber identificar os possíveis problemas que possam vir a surgir ali, mas também é conseguir controlar esses problemas inclusive em benefício próprio. Para alguns não convém que uma ciência capaz de oferecer ao indivíduo essas possibilidades de controle esteja em sua plenitude ao alcance de todos, por isso a geografia em sua totalidade é de uso quase que exclusivo de militares e políticos. Estes a usam continuamente no exercício de suas tarefas. Outra parte da sociedade que se beneficia com essa geografia pouco conhecida são os empresários que através de estudos do espaço sabem em que área terão mais lucro com seus investimentos.

No entanto, a geografia como instrumento militar e político é muito mais perigosa e, por isso mesmo, mais mascarada para a sociedade do que em qualquer outra área de sua atuação. É somente através do conhecimento que a geografia produz que os aparelhos de Estado podem organizar melhor o seu território e, assim, controlar os homens que ali habitam. A geografia é também responsável pela forma que as operações militares são organizadas contra uma nação.

Grande parte das definições encontradas refere-se a uma ciência de observação, de síntese e descrição e não de uma ciência ativa, a corrente majoritária do pensamento geográfico sempre defendeu essa idéia de descrição da superfície terrestre através da observação. O que na verdade não passa de uma estratégia para encobrir o quanto é vago o seu objeto de estudo, a idéia de observação e síntese abre uma variedade de opções a serem “catalogadas”.

Outro ponto importante é o fato desta ciência sempre ter tido como parte integrante da sua história o dualismo que atuava na Geografia Tradicional dividindo-a em: Geografia Física – Geografia Humana; Geografia Geral – Geografia Regional; Geografia Sintética – Geografia Tópica e Geografia Unitária – Geografia Especializada. Deste modo, não se tem uma crítica ao que se é produzido, todas as

máximas incorporadas são tratadas como verdades absolutas sem qualquer questionamento e são passadas para frente através de uma máscara, que encobre a fragilidade dessa dualidade, chamada tradição.

Em geografia quem conhece não só estabelece caminhos como também induz outras pessoas a seguirem por esses caminhos e os mapas são armas perfeitas de indução de verdades absolutas.

Para as nações imperialistas os mapas têm outra importante utilidade que vem sendo mantida de forma bem discreta para poder passar despercebida à maioria das pessoas que é se colocar no centro do mundo, como nação de destaque. A grande maioria dos mapas traz os países desenvolvidos na parte superior “norte” e mais ao centro enquanto que os subdesenvolvidos se encontram na parte inferior “sul” e lateral.

Influenciados pelos mapas é comum no dia-a-dia se naturalizar fenômenos que não são obras da natureza, as fronteiras, os países, os continentes, as estradas ou qualquer outra invenção humana não podem ser vistos pela sociedade como fatores naturais como as árvores, os oceanos ou as montanhas.

Nunca antes colocar um homem comum frente ao conhecimento geográfico real foi tão importante como é hoje e isto é tarefa de todos os educadores envolvidos com essa ciência e é de suma importância que isso aconteça brevemente, pois não só se banaliza o ensino de geografia atualmente como se questiona sua utilização na vida.

Não é raro ouvir comentários de que a geografia vem sofrendo uma crise nas últimas décadas e que isso é fruto da sua passividade frente às outras ciências. Mas será que é verdade? Pode-se dizer que sim, porém dizer que esta agonizando é precipitado demais para uma ciência que agüentou séculos de mentiras e distorções a seu respeito. A crise é inegável, no entanto, até mesmo a crise geográfica é peculiar, não é a geografia em si que se encontra em crise como muitos dizem e sim a Geografia Tradicional, aquela do empirismo, da regionalização. “Há uma crise de fato da Geografia Tradicional, e esta enseja a busca de novos caminhos, de nova linguagem, de novas propostas, enfim, de uma liberdade maior de reflexão e criação”. (MORAES, 2005, p. 103).

A disciplina de geografia surge, de fato, no século XIX e seu principal objetivo naquele momento era desviar as atenções que estavam sobre a ciência geográfica,

era preciso que a face estratégica, militar e política desta ciência fossem esquecidas e que no seu lugar surgisse um discurso pedagógico puro, limpo de qualquer alusão a estratégias, uma ciência nova e inofensiva.

Assim todos passaram a ver esta disciplina como a geografia verdadeira que tinha por finalidade descrever o mundo e suas paisagens, uma ciência despretensiosa com muito a “mostrar”, no entanto, pouco a dizer. E não demorou para que se tornasse a disciplina maçante e simplória que conhecemos hoje, aquela em que “(...) nada há para entender, mas é preciso ter memória (...)” (LACOSTE, 2005, p. 21).

Aos professores de geografia cabe o trabalho de esquadrihar as regiões do país (e do mundo), enumerando tudo sobre relevo, vegetação, hidrografia, população, economia, enfim, descrever os elementos naturais e humanos que constituem uma nação. Ao aluno cabe decorar essas informações para no final de cada bimestre ser aprovado mesmo tendo a impressão de que tudo aquilo de nada lhe servirá na vida, fora da escola.

CONCLUSÃO

Somente quando forem feitas as mudanças imprescindíveis na sua face de ciência e quando todo cidadão comum souber o real valor desta perante uma sociedade é que a sua face acadêmica irá se modificar também, isso porque uma é reflexo da outra e, se no passado, a disciplina escondeu a ciência hoje é a ciência que terá que implantar a verdadeira disciplina.

E é nessa configuração de ciência estratégica que está contido o verdadeiro âmago da geografia, pois seu lado geopolítico é sua mais profunda verdade e atuação dentro de uma nação e das pessoas que ali vivem. Encontra-se aí sua razão de ser, independente da época que se considere seu surgimento, ela é a ciência que busca compreender o mundo para poder transformá-lo e é através dela que o espaço pode ser pensado em sua amplitude.

Os cursos de geografia precisam formar não apenas professores ou geógrafos e sim geógrafos-professores, profissionais que dominem o meio científico dessa ciência e que saibam como transmitir isso em sala de aula para a disciplina. É necessário que o aluno seja incentivado a pensar e a construir e não a receber

conhecimento, é preciso romper com o modelo de disciplina do século XIX, inovar e criar uma nova visão, um novo método.

É importante que a geografia passe por mudanças tanto na sua face ciência quanto na sua face disciplina, pois para se desenvolver uma postura crítica perante os acontecimentos ocorridos no mundo o cidadão precisa aprender a conhecer e entender o que se passa de verdade por trás das belas mentiras. A geografia necessita sim se envolver com o homem e se comprometer com a sociedade, precisa apresentar as diferentes realidades existentes hoje no mundo, os conflitos, as diferenças, mas não como vem fazendo até hoje e sim usando da política, da estratégia do seu poder de reconhecimento de ações de domínio. Já passou da hora da geografia retomar para si o seu lugar de direito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, C. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico – ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CARLOS, A. F. A. **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (org). **Ensino de geografia – práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Sol, 1970.
- LACOSTE, Y. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1998.
- MORAES, A. C. R. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- MORAES, A. C. R. **Geografia, pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2005.
- MOREIRA, R. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- OLIVEIRA, A. U. et. al. **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 2005.
- ROCHA, G. O. R. Ensino de geografia e a formação do geógrafo-educador. **Revista Terra Livre – AGB**, São Paulo, n. 11, p. 177-187, ago. 1992.